

# Prefácio



Joyce Cristina Farias de Amorim

Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA). Professora de Inglês (Efetiva/SEDUC- PA) vinculada à 11<sup>a</sup> URE. Atualmente lotada na EEEM Inácio Moura (Santo Antonio do Tauá) e EETEPA (Vigia). Licenciada em Letras Português/Inglês e Espanhol. Pós-graduanda em Linguística Aplicada ao ensino/aprendizagem da língua inglesa; Pós-graduanda em Educação e novas tecnologias; Pós-graduanda em Docência em Libras. Mestre em Comunicação, linguagens e cultura (PPGCLC- Unama).

*Riscos de mulher*, de Cristiane de Mesquita Alves, deverá surpreender até os leitores mais habituais e amantes da Literatura. A poesia de seus escritos há de encantar e instigar a todos. A leitura de seus escritos há de desnudar a alma de uma mulher que, ao mesmo tempo, em que fala de/por si, dá voz a outras mulheres. Há quem, assim como eu, poderá se sentir representada/o, e partilhar das mesmas sensações, emoções e dores. Sem dúvida, o leitor mais atento, verá aqui uma poetisa que consegue ser singular e, simultaneamente, plural.

Este livro reúne sessenta poesias que falam sobre a mulher em suas mais diversas formas, faces e fases. São poesias tecidas por fios feministas com atravessamento de dores, frustrações, violência doméstica, de infância, de injúrias, de traição, de patriarcalismo, feminicídio, mulheres cis e trans, velhice, amor e esperança.

Dentre as diversas discussões, relacionadas aos estudos sobre gênero e feminismos, que se possa fazer com base nos mais diferentes referenciais teóricos, ao longo da História, para compreender o que é ser mulher, nascer ou não mulher e o que é se tornar mulher, temos aqui, tessituras poéticas que reverenciam a todas, especialmente aquelas que à luz do pensamento de Beauvoir, tornaram-se mulheres. Como bem se revelará aos olhos do leitor mais atento na poesia *Mulheres, de corpos públicos*, que a autora fez em homenagem a uma grande amiga trans de sua infância e juventude, chamada *Karolyne*.

Seus escritos nos revelam a força da reflexão e do discurso sobre feminismos, bem como denunciam as mais diversas formas de violência que acometem mulheres, numa sociedade que ainda não conseguiu se libertar das amarras da dominação patriarcal. Sem dúvida, trata-se de uma escrita consciente de uma mulher que encontrou na sua própria história de dificuldades, dores e injustiças, uma forma de mostrar ao mundo que

ela é muito maior e melhor do aquilo que fizeram dela ou a ela. Ela nos revela que sua maior intenção hoje é lutar por uma sociedade menos desigual, principalmente para nós mulheres. E que ninguém mais chore o que ela chorou, que ninguém mais precise viver as mesmas dificuldades com as quais viveu, e que ninguém mais seja vítima de uma sociedade misógina.

Cris dedicou grande parte de sua vida à Literatura, é um universo com o qual mantém profunda intimidade. Por isso, não traria maiores surpresas que ela dedicasse parte de seus escritos não só a mulheres reais, mas ficcionais também. Mulheres estas, personagens ou não, todas nos inspiram até hoje. A escritora homenageia grandes mulheres que a inspirou por toda uma vida, como *Alfonsina*, poesia dedicada a sua poetisa favorita, a argentina Alfonsina Storni, e a poesia *Cara, clara Clarice*, que é uma homenagem à Clarice Lispector, escritora, por quem, Cris, nutre imensa admiração. Já a poesia *Capitu, em nós*, é uma homenagem à personagem mais inspiradora e enigmática da Literatura, do escritor Machado de Assis, escritor este, a quem Cris dedicou grande parte de suas pesquisas ao longo de sua vida, como uma genuína apaixonada e estudiosa da escrita machadiana.. Inclusive foi objeto de estudo da sua dissertação de mestrado, dissertação esta que culminou na publicação de um livro.

Seus escritos poéticos também falam de sua infância, de memórias com notas e tons de saudosismo, leves alegrias e profunda tristeza, como bem se revelam nas poesias *A casa de barro*, que fala do lugar onde morou e viveu sua infância e *A janela testemunhou*, pois se lembrará de sua irmã que passava horas olhando estacionada na janela, como se aguardasse o retorno da mãe que as abandonara. A poesia *Boneca de pano*, retoma as brincadeiras e os brinquedos de sua infância, lembrando que só brincara com bonecas de pano, porque o dinheiro mal dava para comprar o alimento necessário, e jamais

sobrava para comprar brinquedos. Já a poesia *Em busca de algo na rua 7*, revela uma parte da sua vida em que logo cedo precisou trabalhar, e o título se refere a uma das casas em que fora fazer faxina. *Preta e laranja*, tem a ver com a história da bicicleta que comprou com o dinheiro do seu trabalho, passando roupas.

Cris teceu poesias que nos proporcionam reflexões sobre a vida e o tempo, inclusive sobre o seu viver e estar no mundo, e o seu próprio fazer poesia. E isso, é possível perceber em *Beirando os 40...*, *Ela e o (in) tempo*, *Nesse momento da vida e Poesia que escrevo*. Mas seus escritos poéticos também falam de amor e de recomeço, como *Dos pequenos detalhes*, em homenagem a uma pessoa que se tornou uma parte muito significativa de sua inspiração e do seu coração.

Todos os outros escritos se revelam como poesias de resistência, de luta, são verdadeiros símbolos representativos, que nos fazem enxergar de alguma forma tudo o que precisa ser rompido. São escritos que também falam de nossas essências como *Ciclos*, *Fios*, *Gestos*, *Luta diária*, *Saia*, no qual ela usa a palavra saia com duplo sentido, com o intuito de nos dar a ideia de peça do vestuário, e também a ideia de impor nossas vontades, a partir do verbo sair. Há ainda as poesias *Unhas vermelhas* e *útero*, que nos coloca frente a muitas reflexões necessárias sobre gênero e feminismos. Já a última poesia quis chamar atenção para a palavra *fim*, no sentido de finalidade, a que dão ao nosso corpo feminino e *fim*, no sentido de morte, término.

A respeito do título não poderia haver melhor escolha, pois sugere ambiguidade com o uso do termo riscos. Sim, são riscos para nos fazer lembrar de seus rascunhos, de seus inúmeros riscos que nos remetem a ação de riscar, de rabiscar, de escrever. Mas os riscos também são para denotar os mais diferentes

perigos que corremos nesse nosso cotidiano pelo simples fato de sermos mulher.

Todos as suas poesias foram escritas, entre 1993 e 2020, e revelam os traços de uma mulher empoderada, na concepção de Joice Berth, e que encontrou na arte de escrever, bem como nos lembra os escritos de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, uma forma de relembrar e registrar a sua própria história, permeada de dores e de alegrias, mas que acima de tudo escreve como uma forma de denúncia contra toda e qualquer opressão, especialmente a que nós mulheres estamos, historicamente, expostas.

Reconheço-me em grande parte dos escritos de Cris, e registro a honra que senti de tecer considerações iniciais sobre suas tessituras poéticas, reforçando o convite a todos para adentrar a esta coletânea de poesias que revelam um talento único e a força de uma mulher que tem muito a nos dizer/ensinar.